

O respeito e a dignidade pessoal

Pelo Prof. Dr. Mário Lima Santos.

Para as pessoas afeitas aos estudos da Filosofia e da Moral não são estranhos os princípios que dizem de perto com as atitudes dos indivíduos, dentro da sociedade a que pertencem. Essas pessoas não ignoram estar o homem, como parte da sociedade, sujeito a prescrições morais, de duas ordens: individuais e sociais.

E quem se der ao trabalho de dedicar algum estudo ao campo da moral social e individual, verá ser difícil traçar-se uma linha divisória nítida, separando os atos de umas e outras.

A moral individual compreende os deveres do homem para consigo mesmo, como um ser racional, um fim em si, uma personalidade moral sobre a qual impende a responsabilidade de desenvolver e dignificar as qualidades especiais que o distinguem das outras espécies animais. São deveres de dignidade moral por cujo cumprimento é responsável perante Deus.

São ainda deveres que encontram a sua justificação mesmo em relação à vida social. As atitudes individuais refletem-se como exemplos na vida social, contribuindo para a sua valorização ou desvalorização. Sob o ponto de vista físico, as contingências do meio impõem deveres ligados à satisfação das necessidades biológicas, de forma que o indivíduo fisiológico não venha a contradizer o homem social.

E é, sobretudo, sob o ponto de vista moral que temos, todos nós, o dever de, valorizando-nos, valorizar a sociedade de que fazemos parte. As nossas ações e atitudes individuais excedem o âmbito de nossa personalidade, constituindo exemplos que podem produzir efeitos bons ou perniciosos sobre a coletividade.

Tendo em vista todos esses princípios de Filosofia Moral, socorridos pelo "imperativo categórico" de Kant, que manda "só façamos longe de testemunhas aquilo que possamos fazer em público", é que podemos chegar a conceber o conceito de "respeito e dignidade pessoal".

É o respeito e a dignidade pessoal que tornam o cidadão bemquisto e reverenciado no meio em que exerce as suas atividades sociais. Ninguém é levado na melhor conta sem que por si próprio seja respeitado e dignificado. Há, pois, no meio em que vive o homem, um perfeito entrelaçamento da moral pessoal com a moral social.

Dá dizer-se por conclusão logicamente moral — só ser respeitado e digno do meio o cidadão que se dá ao respeito e se dignifica. Mas, como um homem se dará ao respeito e se dignificará? Muito simplesmente: respeitando-se, para ser respeitado; e vivendo, particularmente, uma vida individual, dentro dos mais salutares princípios de moral, vida particular capaz de ser vivida em público.

E porque seja essa a conclusão imperiosa a que somos levados, por esse silogismo de ordem moral, no que tange a todos os homens que vivem em sociedade, imaginamos a delicadeza do viver daquelas pessoas, cujas atividades, no meio social, são de molde a constituir perenes exemplos: o magistrado, o sacerdote e o professor.

As pessoas que encarnam tais atividades não podem nunca separar o homem da função, num esforço gigantesco de divisão metafísica. Vá aonde fôr, o magistrado, o sacerdote, o professor — ele — qualquer dê-les, estará em dignificante missão que a sociedade ou Deus lhes outorgou.

É por isso que a sociedade já se habituou a vêr, em cada sacerdote, em cada magistrado ou em cada professor, um exemplo vivo e constante do respeito e da dignidade pessoal, pela impossibilidade, em que eles vivem, de separar a pessoa da função.